

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado Class.: 1.913

Data: 23.06.85 Pg.: _____

Índios do Toldo vivem em miséria e passam fome

Chapecó — Toldo Chimbangue para os índios e Sede Trentin ou Linha Irani para os brancos. Assim é denominada uma área de quase dois mil hectares, que abriga os índios caingangues, colonos e arrendatários, dentro de um clima de animosidade que pode explodir a qualquer momento. A área pertence tradicionalmente aos índios, segundo reconheceu recentemente uma comissão governamental que analisa a questão.

As terras do Toldo são pouco produtivas. A região é montanhosa e aproveitada especialmente as culturas de milho, feijão, soja, criação de suínos e frangos. São ao todo 159 famílias, o equivalente a 1 mil 90 pessoas, incluindo, colonos, arrendatários e índios.

PASSANDO FOME

De acordo com relatório da Fundação Nacional do Índio, são 19 famílias indígenas instaladas em toda a área de Toldo Chimbangue de 1 mil 884 hectares. Eles vivem em extrema miséria, passando muitas vezes fome, porque não conseguem escoar a pouca produção agrícola ou comprar alimento básico nos armazéns para subsistência, razão do boicote dos brancos na estrada da localidade, que também serve de acesso (em chão batido) ao município de Seara.

Segundo ainda a Funai, das 90 pessoas, 50 delas tem abaixo de 18 anos e a maioria do restante são velhos, como João Maria da Veiga, de 73 e Ana da Luz, de 88 anos. Eles foram os únicos que conseguiram com o respaldo da Fundação Nacional do Índio, a aposentadoria mensal de Cr\$ 81 mil pelo Funrural.

Das crianças indígenas, nenhuma delas frequenta a escola e todas são analfabetas. Apenas três filhos do índio puro Caingangue Antonio Rodrigues (vive entre os brancos), estudam na escola isolada estadual "Linha Irania": A acanhada Neusa de Fátima, de 6, o introvertido Clair Miguel, de 8 e o esperto Roberto Carlos, de 10 anos. Todas as tardes, junto com outros 19 coleguinhas brancos, assistem as aulas ministradas pela Professora Clotilde Dario, que encontra problemas para coordenar simultaneamente os ensi-

namentos para a 1ª, 2ª, 3ª, e 4ª séries.

As queixas dos caingangues são inúmeras. Vão desde as palavras poéticas de Gentil log-10, casado com a branca Maria, até na defesa do Capitão Antelino Gondão, que contesta a entrada de cachaça no seu povoado. A cultura Caingangue praticamente não existe mais. Apenas os mais velhos falam o idioma indígena. Para eles existe uma justificativa muito simples para o esquecimento: "Exploração dos brancos". As casas, ao contrário dos agricultores que provam estar na localidade desde o início do século, são totalmente vulneráveis às intempéries e não possuem luz elétrica. O próprio gentil log-10 fez questão de mostrar que tem apenas uma cama e sustentou que "dormimos num ninho que nem porco", referindo-se a sua família de cinco pessoas.

A perseguição contra os índios, disseram os Caingangues, é antiga. Chamados de "bugres", os indígenas estão espremidos numa área batizada de "potrero", entre os morros e um ribeirão sem peixe. Mesmo a palha de coqueiro para cobrir as cabanas é uma raridade, pois os animais dos agricultores comem todas as folhas. Enquanto os brancos insistem com a barreira de estrada, impedindo qualquer ajuda aos índios (até mesmo a entrada de funcionários da Funai está proibida), a alimentação está acabando. Come-se apenas a mandioca, laranja e o comin, uma folha que é socada, escorrida em água de três fervuras e adicionada com sal. As dispensas de café, açúcar e outros alimentos está vazia.

ARRENDATÁRIOS

Grande parte dos arrendatários, isto é, agricultores sem terra são mestiços e até índios. Sebastião de Lima, de 47 anos, arrendou três alqueires (25 mil metros quadrados cada) há oito anos de Arno Semer. Esse mesmo proprietário cedeu parte de suas terras para outros três filhos de Sebastião, que quer apenas o "suficiente para comer".

De tudo que o mestiço colher, metade fica para Arno Semer, que nem sempre fornece condições e sementes para o plantio de milho, feijão, soja e pouco arroz. Sebastião reclama que



Lourival Bento

No Toldo Chimbangue a vida dos índios é de miséria e muitas privações

neste ano as safras foram magras e que toda a criação que passa pela sua pobre moradia, são "desse alemão" (vizinho seu) e do "meu pairão" (Arno Semer).

Dos índios, o único que vive entre os brancos é Antonio Rodrigues, de 30 anos, nas terras de Miguel Schmith. Rodrigues, segundo os caingangues,

vem sofrendo "toda sorte de ameaças" e constantemente vem sendo espancado nos bojeos de Toldo Chimbangue Sede Trentin/Linha Irani.

ECONOMIA

Se para a ótica dos índios os brancos são intrusos, pelo menos os agriculto-

res provaram que são bem mais organizados que os proprietários de terras. A economia do vilarejo é diversificada, mas dentre outras coisas, se produz anualmente 120 mil sacas de milho, 30 mil sacas de feijão, 5 mil sacas de soja, 40 mil cabeças de suínos (venda e reprodutores), 120 mil frangos (dois aviários e mais três em fase de construção), 1 mil 300 cabeças de gado além de ovelhas, cabritos, aves domésticas e demais produtos de subsistência. Esses produtos tem fácil aceitação pela Cooperativa Regional Alfa Ltda e outro estabelecimento intermediário.

Diariamente uma linha de ônibus (6h20m, 12h30m e 17 horas), transporta os moradores de Toldo Chimbangue/Sede Trentin/Linha Irani até Chapecó (12Km), numa das várias vantagens conquistadas pelos moradores, que possuem clubes, canchas de bochas, campos de futebol e salão comunitário.

Desde o dia 10 a estrada está fechada por uma barreira humana. Diariamente mais de 60 pessoas se revsam

no plantão. Os próprios colonos se encarregam de doar comida para alimentar o pessoal que come no salão paroquial, parcialmente construído, ao lado da antiga Igreja de Madeira. O material para construção de um templo de tijolos está sendo levado pela chuva, porque os agricultores estão desmotivados ante a iminência de perder suas terras.

A casa de Paulo Beghini, onde está o posto telefônico, serve como "QG" das ações dos grupos de jovens que chamam de conscientização para a conquista da terra. Ali passa o chimarrão de mão em mão e as proleadas, que invariavelmente versam sobre a ocupação das terras. Num panfleto, os brancos são bem claros: "Não ameaçamos ninguém, não demos ultimato e não provocamos. Agora, se formos provocados, perturbados ou invadidos, não seremos coniventes para fugirmos da luta, seja ela qual for. Afinal de contas, aqui é a nossa vida. E onde criamos nossos filhos e não queremos jamais que eles passem privações".